

Graça Machel sugere maior participação da mulher na política

Notícias: Política. 21.08.2020. Pág. 09. Ed. n.º 31.070

A AGTIVISTA social Graça Machel reiterou ontem que a participação da mulher na vida política é uma questão fundamental para influenciar o seu próprio desenvolvimento e melhorar o contributo por uma sociedade cada vez melhor.

Falando ontem em Maputo numa conferência sob o lema “Participação política das mulheres e a consolidação da democracia no contexto da Covid-19 em África”, Graça Machel disse que, apesar de os números mostrarem grandes avanços, ainda há muito por fazer para uma efectiva participação política da mulher.

O encontro, em formato virtual, foi da iniciativa do Instituto Eleitoral para a Democracia Sustentável em África (EISA), sob a moderação do respectivo director-executivo, Ericino de Salema.

Na ocasião, Graça Machel juntou a sua voz a de outras mulheres da sociedade ao considerar que as leis e políticas nacionais devem ser traduzidas em acções concretas, como quotas legislativas para a representação das mulheres na política.

A activista defendeu ainda a pertinência do treinamento dos deputados da Assembleia da República, homens e mulheres, para entenderem a importância e as vantagens da integração de assuntos sobre o género na agenda parlamentar.

Lembrou que, das poucas vezes que o Parlamento teve um debate forte sobre um assunto ligado ao género, foi quando se discutiram e se aprovaram as leis de família, sucessões e uniões prematuras.

“É necessário que todos os deputados



Graça Machel defende maior envolvimento da mulher na política

sejam treinados para compreender que estão no Parlamento para defender os interesses de toda a sociedade”, acrescentou.

Sobre a pandemia da Covid-19, Graça Machel disse que o vírus está a trazer à superfície, de forma flagrante, a questão das desigualdades sociais, defendendo que uma medida que seja geral precisa de ser adaptada à realidade concreta dos diferentes grupos sociais do país.

Outro interveniente no debate, a partir da África do Sul, foi Albie Sachs, juiz reformado do Tribunal Constitucional local, que esclareceu que, se o seu país tem uma das melhores constituições do mundo, deve-se à luta travada pelas mulheres com o propósito de terem maior intervenção nos

problemas do país.

Exemplificou que uma das primeiras lutas bem-sucedidas foi em 1994, na primeira Assembleia Nacional, quando as mulheres conseguiram uma representatividade de 30 por cento.

Albie Sachs considerou que a constituição é um instrumento importante para qualquer país, mas ela por si só é insuficiente para trazer mudanças, havendo necessidade de a própria sociedade adoptar uma cultura constitucional prática, do topo à base.

“Os partidos políticos, sociedade civil, jornalistas e outros têm a responsabilidade de desenvolver o espírito do constitucionalismo”, disse.